Síntese de temas relacionados à aula do dia 01/10/2020:

O corpo sensível e as implicações da perda do contato

O corpo não é um objeto, é um agente de organização e proposição de vida. Muitas vezes, inadvertidamente, o banalizamos, tornando-o mera matéria a ser modelada pela nossa autoimagem. Em essência, este processo é natural e parte legítima de nosso processo de diferenciação, porém, muitas vezes se avoluma na forma de uma ocupação consigo mesmo e também na consolidação de uma realidade de imposição e violências com relação às potências afetivas e possibilidades do organismo.

A banalização do corpo como objeto de desejo e também de sedução pode ocasionar muitos distúrbios psíquicos no sentido de deslocamentos com relação ao reconhecimento de si para exercícios de poder, do outro sobre si ou de si sobre o outro, escamoteando e levando adiante profundas carências e rejeições a si mesmo. Em outro sentido muito comum, podemos perceber uma captura do corpo como um palco para mórbidos cenários de rejeição à finitude e refúgio a dimensões afetivas infantis.

Por se tratar de um corpo individual, porém sempre um corpo humano, este se encontra disponível a uma dimensão de profundidade inconsciente obediente às demandas da natureza e, assim, nos submetendo a uma realidade sensível mais vasta do que verdadeiramente podemos dominar ou mesmo contornar.

"Os contornos de nosso corpo são simultaneamente íntimos e incrivelmente vastos, pois conjugam em seu entorno um senso de si mesmo na forma de um indivíduo e denunciam a presença de uma humanidade. Não se pode dar uma volta completa sobre si mesmo. Ao mesmo tempo, a fazemos incontáveis vezes em um dia."

O controle acaba se tornando o agente da banalização do corpo e da perda de contato com sua profundidade sensível, pois muitas vezes é parte de modelos de asseguramento e suposto garantidor de acerto. Desta maneira, atua como inibidor do amadurecimento emocional, que requer em muitos sentidos um diálogo constante entre o amor e o medo. Muitas vezes substituímos nossos pais por modelos de controle e, assim, não produzimos um senso de cuidado pertinente e célebre em relação à nossa dimensão afetiva e de convívio. O controle exacerbado pode silenciosamente nos submeter a jornadas de poder que gradativamente nos distanciam e degradam.

"A grande diferença entre o controle e o cuidado trata do papel do medo e sua visita na forma de uma insistente pergunta sobre significados e sentidos, sobre a pertinência e a validade das experiências com relação à dimensão de renovação afetiva e atualização da realidade psíquica."

A sensibilidade é a base de uma linguagem do corpo. É produzida pela organização psicossomática, dialogando com as estações do tempo e com como os agentes da presença nos implicam. A psique é uma rede relacional da natureza que revela nosso pertencimento e participação na vida e, ao mesmo tempo, evidencia o caráter coletivo de toda vida. A vida é primeiramente um acontecimento sensível, que momento a momento comunica sua realidade por meio de estados de ser. Nosso corpo é, simultaneamente, um agente de nossa diferenciação, tanto semelhante quanto estranho para os outros e um agente de perpetuação da natureza. A linguagem começa na sensibilidade e cresce na dimensão simbólica, onde nossa subjetividade é verdadeiramente capaz de criar mundos. Estes mundos podem servir tanto para evidenciar a riqueza de nossa situação humana, de ofertado ao desconhecido, ou para colaborar a degradá-la.

"Sem saber o porquê, o para que e por quanto tempo é o ponto de partida tanto do honesto e engajado na criação de si quanto daquele cínico que desistiu de si mesmo, pois se colocar frente ao desconhecido é tanto uma necessidade quanto uma forma de reverência da capacidade de se constituir, porém sem nunca definitivamente dominar-se. A diferença entre uns e outros mora na insistência do ato de perguntar ou em seu esquecimento. Perguntas vivas produzem talvez, quem sabe, infinitas propostas".

Todo aquilo que o corpo produz está sujeito às demandas da construção e da desconstrução da vida, pois este é um agente íntegro da natureza. O corpo não compactua com aquilo que rejeita a atuação do tempo.

Dor e prazer estão na base da experiência sensível e denunciam em muitos sentidos o compromisso com a saúde e a renovação de um processo de diferenciação. A dor não pode ser realmente evitada, pois é agente de constituição da vida e cumpre um papel fundamental na manutenção da saúde. Em seu contexto assumido e esclarecido é um regulador de limites justos.

Existe uma tendência cultural a ir em direção ao prazer e rejeitar a dor. Isto nos guia à perda de contato e compromisso integrativo com nossa intimidade e produz refúgios narcísicos e dinâmicas hedonistas, característicos de uma brincadeira de Deus.

Sem o corpo, as referências da vida tenderão à abstração e ao distanciamento. Podemos estar gerenciando à distância, de maneira medrosa, nossa realidade afetiva. Este é o caminho gradual para o governo da falta e para a alienação dos exercícios de produção de valor e sentido de liberdade.

A vida pode ficar refém de uma dimensão temática e emblemática, características de nossas realidades subjetivas. Estas fazem parte de nosso processo de diferenciação, mas podem se configurar em dimensões de representações não disponíveis ao diálogo com as necessidades das mudanças. Temas e emblemas podem se tornar idealizações utilizadas como meios comparativos, não só para legitimamente regular a disponibilidade, mas também para rejeitar o encaminhamento das possibilidades. A saúde se encaminha em bases de possibilidade e, na medida em que não as aceitamos, podemos nos tornar arrogantes e doentiamente seletivos. A seleção extrema pode, ao contrário de evidenciar a riqueza de uma genuína demarcação de individualidade, ser o caminho para o empobrecimento de si, na medida em que nos tornamos reféns de uma maneira muito restrita de produzir satisfação.

Nossa cultura é muito caracterizada por uma dinâmica de entretenimento. Estas experiências, muitas vezes, são cenários para dissipações dos tensionamentos da intimidade e das relações, podendo servir para a manutenção de conteúdos dissonantes e exclusão de conteúdos afetivos desorganizados e desfavoráveis por um longo tempo. A dissipação pode cumprir um papel legítimo na saúde, porém não como

estratégia de descompromisso com a integração das tensões na produção de um senso de si mesmo familiarizado com a satisfação.

As distrações, as ocupações e as demandas de se estar constantemente entretido têm colaborado para a consolidação de uma passividade que nos leva à terceirização do cuidado e ao consumo desmedido da vida; fazem parte de um contexto de compensações prazerosas para as dores não endereçadas de nossa história e para as demandas de experiências necessárias ao aprimoramento de nossos impedimentos.

"Optamos muitas vezes em focar naquilo que queremos para fugir de lidar com aquilo que precisamos."

O compromisso com a sensibilidade possibilita que o Ego possa fazer seu trabalho, gerando consciência e produzindo identidade, organizando a vitalidade. Sem estas referências de base, podemos ficar perdidos na realidade sem limites de nossa própria mente, em seus labirintos nos problematizando e, assim, nos alienando da imensidão de criação frente às possibilidades que nos cercam constantemente.

O Sujeito é uma dimensão transcendente ao corpo na medida em que se investe no mundo e demarca contextos de legitimidade para seu estabelecimento. Ao mesmo tempo, o corpo é um meio transcendental ao sujeito, pois está em constante diálogo com outros sujeitos de organização maiores, que o encarregam do transporte e dos recados pertinentes às situações da vida.

Estas dimensões dialogam, mas nunca coincidem completamente. Isto estabelece a base de um relativismo, tanto amoroso como conflituoso, que evidenciam a mobilidade e a riqueza de nossa constituição humana.